

dena o Grupo de Estudos Linguagem, interpretação e conhecimento. Seu pós-doutoramento foi realizado na Purdue University (Estados Unidos) sobre Donald Davidson. Seus trabalhos de ensino e de pesquisa concentram-se em temas de Filosofia da Linguagem, Epistemologia e Pragmatismo. Já foi organizador de outros livros e coletâneas como *Ensaio sobre a verdade de Donald Davidson* (Ed. Unimarco), que reúne os textos mais significativos do filósofo americano. Além deste, pode-se citar ainda *Razão Mínima*, organizado em conjunto com Luiz Paulo Rouanet, pela mesma editora, entre outros. Atualmente, faz parte de um grupo de estudos sobre Ceticismo, cujo coordenador é um dos céticos mais importantes do país, Oswaldo Porchat Pereira. É deste grupo que participam os filósofos que fazem parte desta coletânea.

Quando se trata de uma nova coletânea sobre um assunto tão difundido como o Ceticismo, é natural perguntar: por que lê-la? Existem algumas novidades acerca deste livro. A primeira é que ele não tem a pretensão, como algumas obras, de ser didático e tampouco superficial. Embora, se trate de uma coletânea, os artigos parecem ter sido escolhidos com cuidado e discutidos por todos do grupo, o que torna o livro ainda mais relevante.

O livro apresenta um importante quadro do estudo do Ceticismo feito atualmente no Brasil, sem que, no entanto torne-se inacessível para leigos. Trata-se de uma coletânea realizada a partir de um ciclo de conferências realizadas em um Colóquio sobre Ceticismo na Bahia, em abril de 2004, sob o mesmo título. Os colóquios, atividades realizadas anualmente pelo grupo, constituem uma das inúmeras atividades destes filósofos que se reúnem há 15 anos para discutir o problema do Ceticismo. Além de contarem com professores conceituados no Brasil, contam ainda com filósofos latino-americanos.

Por conseguinte, outra característica interessante para o leitor deste livro é a forma como dialogam entre si os autores, discutindo, argumentando e partindo de idéias já difundidas por seus colegas. Partindo do princípio que a maior parte dos estudantes de

O ceticismo e a possibilidade da filosofia

SILVA FILHO, Waldomiro José (organizador). *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 272p. (Coleção Filosofia; 13).

Waldomiro José Silva Filho atualmente leciona na Universidade Federal da Bahia, na qual coor-

filosofia, ou mesmo aqueles que buscam certo entendimento a respeito do assunto, sentem falta da conexão de idéias entre filósofos de uma mesma época, ou até mesmo dificuldade em perceber as relações de um pensamento para outro, este livro torna-se importante não só para o estudo do ceticismo, mas como uma discussão de idéias a serem ministradas em sala de aula levando a uma reflexão a respeito do ceticismo, tanto na academia como no ensino diário.

Outra característica do livro é que se constitui por diversos escritos, nos quais são abordados autores e tradições intelectuais antigas, modernas e contemporâneas, trazendo, contudo, uma linha precisa: a da discussão entre os autores e o tema comum a todos os pensamentos, o Ceticismo.

Quanto à estrutura do livro, é dividido em duas partes: a primeira reúne as conferências apresentadas pelos autores no Colóquio "Ceticismo e a Possibilidade da Filosofia" e a segunda parte, uma espécie de apêndice, é dedicada a Oswaldo Porchat e algumas de suas concepções, já que é considerado um dos maiores filósofos céticos do Brasil com concepções próprias de importância e reordenação da Filosofia cética. É justamente para que o leitor perceba a fluência dos distintos assuntos tratados no livro, que aqui se optou por seguir sua estrutura.

Segue-se que o organizador da coletânea abre o trabalho com algumas breves e esclarecedoras observações sobre a importância do Ceticismo dentro da história da Filosofia, traçando sobre ela um importante panorama para o acompanhamento da leitura dos artigos. Defende, ainda, que o ceticismo não é simplesmente a negação de nossas crenças, mas sim um questionamento a respeito da própria possibilidade da filosofia e que adquire uma série de faces no decorrer da história da Filosofia. Esses esclarecimentos iniciais são de suma importância, pois, além de situar o leitor a respeito da abordagem do Ceticismo dada no decorrer do livro, mostra o diferencial do tratamento dado ao tema: o Ceticismo é abordado em vários sentidos, pelas diferenças entre os autores, as tradições e os teóricos abordados.

A primeira parte é iniciada com um artigo de Oswaldo Porchat (USP) cujo título é *A autocrítica da razão no mundo antigo*. Neste artigo, Porchat demonstra como os elementos que fundam a racionalidade Ocidental também são fundados pela dúvida, que parece ser uma característica primordial do pensamento cético. Dessa forma, este autor faz uma breve incursão na Filosofia Grega antiga, demonstrando aquilo que não é estudado pela maioria dos estudantes de Filosofia quando passam pelas aulas de Filosofia Antiga. Porchat apresenta as idéias de Sexto Empírico, expoente da medicina empirista grega como um dos sistematizadores do Ceticismo no mundo antigo. Apresenta ainda outros pensadores da época que foram os responsáveis por inserir alguns conceitos que trazem até hoje contemporaneidade à autocrítica da razão realizada pelos gregos, como os próprios termos dogma, cético, fenômeno etc. Trata-se, pois de uma propedêutica ao Ceticismo tendo por base seu início no Pensamento antigo dos gregos.

O segundo artigo, realizado por Luiz Antonio Alves Eva (UFPR), *O primeiro cético* (acerca da coerência do pirronismo) apresenta uma discussão sobre a possibilidade da filosofia cética e, mais do que isso, aponta duas objeções das quais o ceticismo filosófico tem sido vítima, a primeira, a alegação de que os céticos propõem uma filosofia incompatível com a vida prática e a segunda, na qual os céticos se contradiriam ao dizer que a verdade não pode ser reconhecida, sendo esta uma verdade para os céticos, caso acreditassem nela.

O terceiro artigo tem um estilo diferenciado, Livia Guimarães (UFMG) que parece se concentrar mais na História da Filosofia trabalha com um filósofo específico David Hume em uma obra intitulada *História natural da religião*. No entanto, o artigo é iniciado com uma citação em inglês, que não é a única do texto. Isso pode dificultar a leitura de alguém que não tenha conhecimento desta língua. Os elementos céticos são apontados aqui a partir de uma diferenciação bastante interessante quando se trata de uma crença religiosa, a dicotomia fundamento e origem.

Segundo a autora, Hume propõe uma investigação sobre as origens de crenças e não sobre os fundamentos, destaca ainda que o confronto fé e razão, ou ainda razão e revelação é substituído por uma espécie de deslocamento. A idéia de um teísmo racional, esclarecido e invulgar também não é aquela defendida por Hume, mas dado que o entendimento humano não pode compreender as contradições a que toda a religião se presta, a única saída é a suspensão do juízo. Dessa maneira, a única opção para um agente racional é a escolha cética. A segunda parte da discussão dada nesse artigo propõe uma desconstrução cética possível na qual Hume, ao lado de seu ceticismo religioso, combinaria um certo relativismo. Para o leitor é muito interessante observar a objetividade dada ao artigo nesses dois momentos, fundamentados na obra de Hume e esclarecidos pela visão da autora. Ainda no que diz respeito a perspectiva histórica, outro artigo que contribui para a ampliação desse aspecto do livro é o de Roberto Horácio de Sá Pereira (UFRJ), intitulado Kant e as duas formas possíveis de ceticismo global. Este artigo pretende demonstrar como Kant caracteriza sua filosofia como oposição ao que denomina formas dogmáticas de filosofar em seu Segundo Prefácio de Crítica da Razão Pura.

O artigo de Danilo Marcondes, Ceticismo, filosofia cética e linguagem, traz uma questão primordial para o livro que dará legitimidade a todo o grupo de estudos sobre o ceticismo: "Até que ponto o ceticismo é viável como opção filosófica no pensamento contemporâneo? Que contribuição pode trazer para a Filosofia da Linguagem?"¹ Após uma introdução e esclarecimento sobre uma série de conceitos, a resposta a suas questões é dada no último parágrafo do artigo, quando o autor propõe o ceticismo como uma das pontas do fio condutor que leva à filosofia da linguagem. E constata que o insulamento (principal conceito introduzido no artigo) pode ser considerado o tipo de separação entre sintaxe, semântica e pragmática, discutida atualmente em filosofia da linguagem. O ceticismo mostra-se, então, não só como

contemporâneo, mas como iniciador de conceitos que dão sentido a problemas filosóficos atuais.

Dando continuidade à linha baseada nos problemas de filosofia contemporânea, Plínio Junqueira Smith (USJT) concentra-se em um estudo sobre um problema contemporâneo da filosofia cética, o externalismo, e em um filósofo específico, Donald Davidson. A tese do externalismo está vinculada diretamente à triangulação proposta por Davidson, na qual as idéias ou crenças não dependem exclusivamente de quem as possui, senão da intersubjetividade. Essa visão parece opor-se, de alguma maneira, ao ceticismo. Smith, contudo, além de introduzir tais conceitos e problemáticas, demonstra que o externalismo não é uma forma de responder ou de objetar o ceticismo, pois passa ao largo de seu principal problema. O artigo traz problemas antes não tratados por outros autores, além da abordagem objetiva que facilita a compreensão do leitor. Ademais, apresenta Davidson a partir de um outro viés, o da filosofia cética, interessante para os estudiosos do filósofo, da filosofia americana e mesmo daqueles que não conhecendo o autor, percebem as diversas perspectivas que podem ser abordadas a partir de um texto filosófico.

O artigo que encerra a primeira parte do livro é de Roberto Bolzani Filho (USP), intitulado Ceticismo como autobiografia e autoterapia. Neste, o autor propõe a leitura do artigo Terapia e Vida Comum (não contido nesta coletânea) de Plínio J. Smith, instigando a reflexão filosófica e o debate. Na primeira parte do artigo, faz considerações sobre aquilo que chama "ceticismo depurado" de Smith e na segunda parte, faz críticas e retorna às objeções feitas pelo autor em seu artigo. Trata-se de uma proposta bem ao estilo do grupo de estudos do qual fazem parte, que possibilita a apreciação, valorização e diálogo aberto entre os vários componentes, a fim de enriquecer a filosofia e dar-lhe a principal característica cética, a dúvida e o debate. Ao terminar a primei-

⁽¹⁾ P. 135.

ra parte do livro com este artigo, o organizador consegue encerrar bem uma etapa e demonstrar como o ceticismo é visto por ele e por seus colegas.

A segunda parte, por ser uma homenagem a Oswaldo Porchat sem o qual o Ceticismo não teria sido tão difundido no Brasil, é iniciada com um artigo que faz uma breve explanação sobre sua Filosofia, bem como sobre sua preocupação pedagógica além de uma breve biografia intelectual e acadêmica. Ao fim há referências bibliográficas à obra deste grande filósofo brasileiro para que o leitor possa continuar sua pesquisa sobre o Ceticismo e mais especificamente sobre sua difusão no Brasil e seus principais problemas.

O mais interessante dessa etapa é o Bate-papo com estudantes sobre o estudo de filosofia na universidade brasileira. Trata-se de uma conversa realizada na ocasião do Colóquio na Bahia. Percebe-se, então, um Porchat maduro em seus pensamentos e métodos de ensino da filosofia, que privilegia a tão difundida idéia de Kant "não se ensina filosofia, ensina-se a filosofar", parece ser isso o que defende Porchat, quando afirma ser necessário um ensino em que o aluno venha a se tornar um filósofo, com senso-crítico apurado e capaz de reflexão, e não um mero historiador da filosofia. No entanto, afirma, é necessário um

tempo de amadurecimento para que isso seja percebido.

O tema do ceticismo é tratado, pois, de maneira bastante coerente com a proposta lançada pelo organizador em sua Introdução e objetivamente traz contribuições tanto no campo do estudo do ceticismo como da possibilidade de uma visão diferenciada da filosofia. Traz, ainda, contribuições de autores consagrados na área e estudos críticos originais sobre tradições filosóficas determinantes no campo da filosofia cética.

Contudo, merece menção o público a ser atingido pelo trabalho. A maioria dos artigos pode ser lida por pessoas que apenas se interessem pelo assunto mesmo que não tenham prévios conhecimentos. Alguns artigos, no entanto, trazem dificuldades ao leitor, contendo problemas de linguagem (inadequada algumas vezes), ou mesmo problemas mais simples de sanar, como as citações em outra língua, o que não desmerece a obra quanto aos seus méritos e relevância.

Angélica Aparecida FERREIRA

É graduada em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da mesma Universidade.
Endereço para correspondência:
E-mail: sobrelunar@yahoo.com.br